



BOLETIM DE COMÉRCIO EXTERIOR DA BAHIA JANEIRO 2026

Desempenho do Comércio Exterior baiano – Janeiro 2026, 3

Importações, 6

Apêndice A – Janeiro 2026

- Tabela I – Balança comercial – Brasil
- Tabela II – Balança comercial – Bahia
- Tabela III – Balança – Brasil X Bahia
- Tabela IV – Exportações brasileiras – Principais estados
- Tabela V – Exportações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela VI – Exportações baianas – Principais municípios
- Tabela VII – Exportações baianas – Principais segmentos
- Tabela VIII – Exportações baianas – Principais produtos
- Tabela IX – Exportações baianas – Principais países e blocos econômicos
- Tabela X – Importações brasileiras – Principais estados
- Tabela XI – Importações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela XII – Importações baianas – Principais municípios
- Tabela XIII – Importações baianas – Categorias de uso
- Tabela XIV – Importações baianas – Principais produtos
- Tabela XV – Importações baianas – Principais países e blocos econômicos

Apêndice B – Informativo acumulado de Janeiro a Janeiro 2026

- Tabela I – Balança comercial – Brasil
- Tabela II – Balança comercial – Bahia
- Tabela III – Exportações brasileiras – Principais estados
- Tabela IV – Exportações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela V – Exportações baianas – Principais municípios
- Tabela VI – Exportações baianas – Principais segmentos
- Tabela VII – Exportações baianas – Principais produtos
- Tabela VIII – Exportações baianas – Principais países e blocos econômicos
- Tabela IX – Exportações baianas – Principais países por produtos exportados
- Tabela X – Importações brasileiras – Principais estados
- Tabela XI – Importações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela XII – Importações baianas – Principais municípios
- Tabela XIII – Importações baianas – Categorias de uso
- Tabela XIV – Importações baianas – Principais produtos
- Tabela XV – Importações baianas – Principais países e blocos econômicos
- Tabela XVI – Importações baianas – Principais países por produtos importados



Governo do Estado da Bahia

Jerônimo Rodrigues

Secretaria do Planejamento

Cláudio Ramos Peixoto

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

José Acácio Ferreira

Diretoria de Indicadores e Estatística

Armando Affonso de Castro Neto

Coordenação de Acompanhamento Conjuntural

Arthur Souza Cruz Junior

Elaboração Técnica

Arthur Souza Cruz Junior

Kailan Matos Pereira (estagiário)

Coordenação de Disseminação de Informações

Marília Reis

Editoria-Geral

Elisabete Cristina Teixeira Barretto Guanais

Coordenação de Produção Editorial

Editoria de Arte

Projeto Gráfico

Ludmila Nagamatsu

Revisão Ortográfica

2Designers

Editoração

Nando Cordeiro

Com o recuo de 28,2% no volume embarcado, principalmente do setor agropecuário, fruto de preços abaixo do esperado pelos produtores, impactando rendimento e produção, as exportações baianas fecharam janeiro com vendas de US\$ 607,9 milhões,¹ menor valor para o mês desde 2018.

Os destaques positivos das exportações em janeiro ficaram com o setor de metais preciosos, puxado pela valorização do ouro, que já supera US\$ 4.950 por onça-troy para contratos futuros, com entrega em abril. Os metais preciosos, como um todo, tiveram fortes altas no começo deste ano, renovando recordes de fechamento sucessivas vezes, à medida que investidores correram para o ouro e a prata como um refúgio diante de incertezas geopolíticas. O setor registrou crescimento de 70,3% (US\$ 110,7 milhões), com forte valorização em relação a janeiro do ano passado.

Outro setor que teve crescimento em janeiro foi o de frutas e suas preparações, com vendas de US\$ 11,9 milhões, 35% acima do mesmo mês de 2025, beneficiado pelo aumento dos embarques em 27,3%, gerado pela sazonalidade e consequente aumento dos preços, além da normalização tarifária dos EUA.

Já o desempenho negativo foi puxado pelo setor de refino (queda de 57,3% nas vendas de derivados de petróleo); de produtos agropecuários, com recuo de 30,2%, principalmente algodão e café; e pelo setor químico, que caiu 23,6%, e continua penalizado pela competição do mercado internacional. A indústria de transformação registrou queda de 23,7% nos embarques e de 19,5% nos valores exportados em janeiro, comparados ao mesmo mês do ano passado.

A indústria extrativa, embora represente menor participação nas exportações estaduais, tiveram, em janeiro, os piores indicadores de desempenho dentre os agregados: queda de 78,3% no volume embarcado e de 90,9% nos valores exportados. Isso ocorreu pela ausência de embarques dos principais produtos do setor (minério de cobre e níquel), ao contrário de igual mês do ano anterior.

Considerando os parceiros comerciais, janeiro manteve as tendências observadas a partir do tarifaço americano,

com redução de 29,6% e de 5,3%, respectivamente, no valor e no volume das exportações aos Estados Unidos. As exportações à China, principal mercado para as vendas externas baianas, também recuaram 5,6%; entretanto, o volume embarcado cresceu 11,0%, refletindo aumento de *market share*, principalmente do agro nacional, que ocupou vácuo do agro americano em meio às tensões com a China.

**Tabela 1 – Balança comercial – Bahia
Jan. 2025/2026**

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2025	2026	Var. %
Exportações	827.606	607.946	-26,54
Importações	882.911	806.177	-8,69
Saldo	-55.304	-198.231	258,4
Corrente de comércio	1.710.517	1.414.123	-17,33

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 6 fev. 2026, <http://comexstat.mdic.gov.br>.
Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).
Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

Os contornos das tarifas do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, ainda estão indefinidos, gerando um grau de incerteza muito grande em relação ao comércio global e o perigo de paralisar muitas relações comerciais. O comércio exterior está acostumado a operar com a ideia de um câmbio variável, mas tarifas diferentes a cada dia é uma novidade.

No entanto, o cenário ainda está muito indefinido, assim como a forma com que o Brasil pode ser impactado por essas tarifas. Trump ainda está muito confuso em relação ao Canadá, China e à Europa; e como ficará a aliança transatlântica, que está desmoronando.

É consenso, porém, que o protecionismo do governo Trump representa um grande retrocesso e uma falha dos EUA, ameaçando paralisar as relações comerciais entre os países. O grande problema é saber se as tarifas têm o impacto de paralisar totalmente a possibilidade de os países conseguirem manter suas relações de comércio mais livres.

Com isso, torna-se importante o governo brasileiro definir uma estratégia efetiva em relação à inserção do país no comércio exterior. Diante do protecionismo de

1 Dados provisórios, sujeitos a revisão.

Trump, o Brasil também tem a oportunidade de formar sua estratégia, levando em consideração a necessidade de reorganizar o cenário do comércio global e a fragilidade da Organização Mundial do Comércio (OMC).

As regras são fundamentais, mas o problema é que, com a fragilidade da OMC e clareza de que o sistema precisa ser reorganizado, estamos em uma encruzilhada. As principais regras precisam ser colocadas à mesa e o Brasil pode começar essa movimentação de reorganização e mobilização dos países para isso, e acelerar alguns acordos, como já vem sendo tocado com o acordo Mercosul e União Europeia.

Apesar da decisão da Suprema Corte americana de considerar que muitas das tarifas de importação impostas pelos EUA são ilegais, é muito pouco provável que governos ao redor do mundo reneguem os acordos comerciais assinados com o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, ao longo do último ano.

Setores como o automotivo e o siderúrgico não foram afetados pela decisão da Suprema Corte. A expectativa é de que o temor de represálias nessas áreas por parte do governo Trump, além da influência dos EUA em outras áreas, como defesa e segurança, desencoraje os países a tentar voltar atrás.

Trump reagiu rápido à decisão judicial: usou outra lei – a Seção 122 da Lei de Comércio de 1974 – para

impor tarifas de 10% sobre todos os produtos importados pelos EUA, embora elas só sejam válidas por 150 dias, e depois desse prazo precisem de aprovação do Congresso americano para serem estendidas. No sábado, ele afirmou que elevaria a alíquota para 15%.

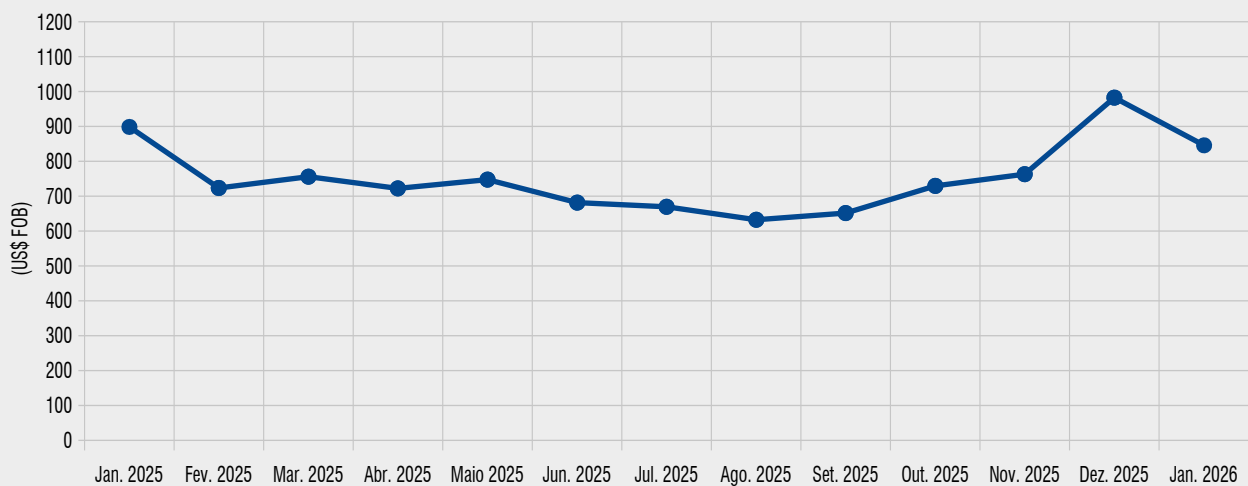
Apesar da nova incerteza jurídica e do fato de que agora muitos países pagarão uma tarifa menor, analistas não acham provável que os acordos que já existem sejam rompidos, mesmo que alguns possam ser adiados até que o cenário jurídico se torne mais claro.

A natureza nada convencional dos acordos comerciais de Trump deve aumentar a incerteza. Analistas avaliam que a finalização de acordos recém-acertados – como o anunciado entre os EUA e a Índia, pelo qual Trump reduziu as tarifas sobre produtos indianos de 50% para 18% – pode avançar com mais lentidão a partir de agora, enquanto governos tentam tirar partido das dificuldades jurídicas de Trump.

O medo de represálias por parte de Trump desencoraja países a tentar voltar atrás em acordos. O governo brasileiro avaliou que a última investida de Trump na área das tarifas ofereceu um alívio para muitos países que antes pagavam alíquotas de 50% ou 40%, que “agora serão de 15%”.

No começo, Trump impôs uma tarifa de 40% sobre importações do Brasil, que tem um déficit comercial

Gráfico 1 – Evolução do preço médio mensal das exportações baianas – Jan. 2025/2026



Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 8 fev. 2026.

Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

com os EUA, mas depois essa tarifa foi suspensa para alguns produtos agrícolas brasileiros, como o café, a carne bovina e frutas. A alíquota, combinada com uma tarifa recíproca de 10%, elevou o total para 50%.

As tarifas de Trump sobre aço, automóveis, semicondutores e produtos médicos foram impostas com base nas Seções 232 e 301 da legislação comercial americana – instrumentos legais que o governo ainda pode dispor para punir parceiros que tentem se esquivar de concessões que já fizeram.

É bom lembrar também que no governo de Donald Trump as investigações contra o Brasil e a China por supostas práticas desleais continuam. A negociação entre o Brasil e os EUA, em preparação para o encontro entre os presidentes Trump e Lula em março, em Washington, fica ainda mais confusa no emaranhado

narrativas passam a ditar sua cotação. Libertando-se das forças fundamentais que por muito tempo explicaram suas altas e baixas, ele agora sobe embalado por histórias de risco e incerteza globais e como refúgio contra a desvalorização do dólar.

jurídico atual. Muitas questões estão em aberto e tudo é preocupante para Brasília.

Os preços médios dos produtos embarcados pelo estado em janeiro oscilaram negativamente em relação a dezembro, com recuo de 13,9%, mas ficaram positivos em 2,2%, quando comparados aos preços médios do mesmo mês de 2025.

As exportações baianas seguem o mesmo ritmo lento de 2025, em relação ao ano anterior, com dúvidas crescentes sobre o seu desempenho ao longo do ano de 2026. Há contínua fraqueza das exportações baianas via quantidade, e perspectivas melhores pelos preços. Em janeiro, a receita de exportação dos metais preciosos continua forte, com aumento de 70,3% contra igual mês de 2025, ditado pela valorização do ouro. Após anos em alta, o preço do ouro entrou numa fase em que as

Os entusiastas do metal afirmam que há muito espaço para ele subir, e eles podem estar certos. Até agora, em termos ajustados pela inflação, seu preço mais do que triplicou nos últimos 10 anos, com os preços assumindo uma escalada vertiginosa nos últimos meses.

Tabela 2 – Exportações baianas – Principais segmentos – Jan. 2025/2026

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Segmentos	Peso (ton)		Var. %	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2025	2026		2025	2026			
Metais preciosos	30	84	183,75	64.966	110.660	70,33	18,20	-39,97
Papel e celulose	244.671	254.818	4,15	109.379	108.526	-0,78	17,85	-4,73
Algodão e seus subprodutos	70.523	58.016	-17,73	116.167	89.221	-23,20	14,68	-6,64
Petróleo e derivados	342.639	179.401	-47,64	190.755	81.423	-57,32	13,39	-18,48
Soja e derivados	130.741	131.034	0,22	49.093	48.850	-0,50	8,04	-0,72
Químicos e petroquímicos	39.244	37.203	-5,20	54.782	41.856	-23,59	6,88	-19,40
Cacau e derivados	4.943	3.545	-28,30	51.917	32.345	-37,70	5,32	-13,11
Café e especiarias	11.974	3.355	-71,98	56.867	20.389	-64,15	3,35	27,95
Frutas e suas preparações	7.922	10.082	27,27	8.848	11.942	34,96	1,96	6,05
Metalúrgicos	10.390	10.391	0,02	13.036	11.740	-9,94	1,93	-9,96
Borracha e suas obras	2.748	1.637	-40,42	14.698	9.883	-32,76	1,63	12,85
Sisal e derivados	4.773	4.673	-2,10	6.683	6.906	3,34	1,14	5,55
Minerais	47.785	10.352	-78,34	53.151	4.820	-90,93	0,79	-58,14
Calçados e suas partes	180	160	-11,05	6.331	4.420	-30,18	0,73	-21,51
Fumo e derivados	20	197	909,33	699	4.399	529,43	0,72	-37,64
Couros e peles	1.784	2.334	30,83	2.624	3.879	47,80	0,64	12,97
Carne e miudezas comestíveis	427	853	100,09	1.577	3.440	118,09	0,57	9,00
Máquinas, aparelhos e materiais mecânicos e elétricos	94	123	30,22	2.151	2.444	13,61	0,40	-12,76
Demais segmentos	79.005	10.130	-87,18	23.881	10.804	-54,76	1,78	252,86
Total	999.893	718.388	-28,15	827.606	607.946	-26,54	100,00	2,24

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 6 fev. 2026, <http://comexstat.mdic.gov.br>.

Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

As importações baianas em janeiro, embora em menor intensidade, também registraram recuo de 8,7% ante o mesmo mês de 2025, totalizando US\$ 806,2 milhões. As compras externas no mês passado superaram as exportações, gerando um déficit comercial para o estado em US\$ 198,2 milhões.

Houve queda nas importações de bens intermediários (-38,5%) – a categoria representa, na média, mais de 55,0% de tudo o que a Bahia importa – e de bens de capital (-5,9%). As compras de bens de consumo seguem com forte alta (981,4%), impulsionadas principalmente pela importação de veículos. Depois de meses no vermelho, o setor de combustíveis teve alta de 6,4%.

O arrefecimento da atividade econômica diante do nível elevado dos juros no país tem levado a uma redução da demanda do setor produtivo, fator que explica o recuo das importações, principalmente de bens intermediários e de capital.

Tabela 3 – Importações baianas por categorias de uso – Jan. 2025/2026

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2025	2026	Var. %	Part. %
Bens intermediários (BI)	608.272	374.373	-38,45	46,44
Combustíveis e lubrificantes	213.027	226.700	6,42	28,12
Bens de capital (BK)	15.037	162.606	981,39	20,17
Bens de consumo (BC)	45.152	42.498	-5,88	5,27
Bens não especificados anteriormente	1.423	0	-	0,00
Total	882.911	806.177	-8,69	100,00

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 7 jan. 2026, <http://comexstat.mdic.gov.br>.
Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI)
Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

